

Gramaticalização e Tradição Discursiva: Um Enfoque no Domínio da Junção

Resumen: Este estudio enfoca, en un análisis de naturaleza cualitativa y cuantitativa, el proceso de gramaticalización de la locución disyuntiva de valor contrastivo *mesmo/ainda assim* en correlación con su funcionamiento en Tradiciones Discursivas desde el siglo XVIII hasta el XXI. Los resultados apuntan para una estrecha relación entre las tradiciones investigadas y un camino de cambio que se revela todavía en curso.

Abstract: This paper is focused, in a qualitative and quantitative analysis, on the process of grammaticalization of the junctive phrase *mesmo/ainda assim* of contrastive value in correlation to its function in Discursive Traditions, investigated from the 18th to 21th centuries. The results point out to a close relation between the investigated texts traditions and a path of change that has been revealed to be still going on.

Resumo: Este artigo focaliza, numa análise de natureza qualitativa e quantitativa, o processo de gramaticalização da locução conjuntiva de valor contrastivo *mesmo/ainda assim* em correlação ao seu funcionamento em Tradições Discursivas dos séculos XVIII a XXI. Os resultados apontam para uma estreita relação entre as tradições investigadas e um caminho de mudança que se revela ainda em curso.

Palabras clave: Gramaticalización. Tradiciones Discursivas. Junción. Contraste.

Key words: Grammaticalization. Discursive Tradition. Junction. Contrast.

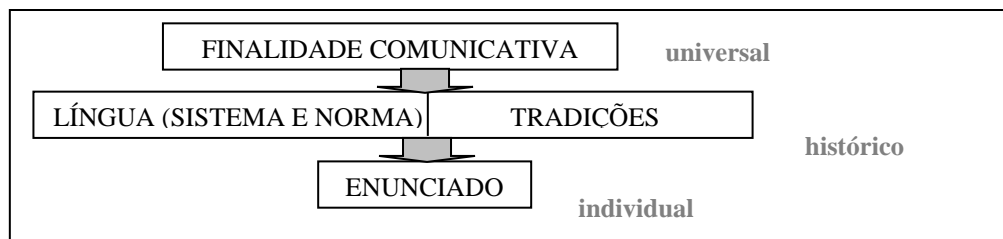
Palavras-chave: Gramaticalização. Tradição Discursiva. Junção. Contraste.

1. Introdução

Neste artigo,¹ resultado de trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto para a História do Português Paulista (também conhecido como Projeto Caipira ou Caipirão), analiso o funcionamento da locução conjuntiva *mesmo/ainda assim*, priorizando a abordagem de seu desenvolvimento, via processo de gramaticalização (GR), em diferentes Tradições Discursivas (TDs), no recorte temporal compreendido entre os séculos XVIII e XXI.

O conceito de TD é definido, aqui, a partir de um laço que se estabelece entre *atualização e tradição via repetição* de um texto, ou de uma forma textual, que caracteriza uma maneira particular de escrever ou falar, significável, e, portanto, com valor de signo propriamente dito. Uma TD pode se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo (Kabatek 2005, 159), a partir da reduplicação do nível histórico de Coseriu (1979), cf. esquema 1:

¹ Parte de tese de doutorado defendida em 05/2011, na UNESP-IBILCE (Fapesp/Proc. 07/07955-5).



Esquema 1: Tradições Discursivas (adaptado de Kabatek 2005, 155)

Por sua vez, a GR é entendida a partir da concepção de Traugott (1982, 2003), Traugott e König (1991), entre outros, que prioriza a análise dos aspectos semânticos e pragmáticos envolvidos no processo, definido como a pragmatização gradual do significado, que envolve estratégias de caráter inferencial e metafórico.

A GR pode ser concebida como *modelo conceitual* e/ou como *processo*. Enquanto *modelo conceitual* é definida como a parte do estudo linguístico que focaliza a emergência de formas/construções gramaticais, como são usadas e como formam/moldam a língua. Relaciona-se com a questão de discretude entre os limites categoriais e com a interdependência entre estrutura e uso, entre o fixado e o menos fixado na língua (Hopper e Traugott 1993, 1). Segundo Heine (2003, 578), sua motivação principal é o sucesso da comunicação. Por isso, uma estratégia sobressalente é o uso de formas linguísticas associadas a significados concretos, facilmente acessíveis e/ou delineáveis, para expressar conteúdos menos concretos, menos facilmente acessíveis e/ou delineáveis. Assim, expressões lexicais ou menos gramaticais são pressionadas a servir a funções mais gramaticalizadas.

GR é também um *processo*, por meio do qual, expressões de significados concretos são usadas para codificar significados gramaticais, de forma unidirecional em essência. Contextos específicos são requeridos nesse processo, por isso, a GR, como *teoria*, está também interessada no ambiente pragmático e morfossintático em que a GR, como *processo*, ocorre, podendo ser considerada a partir de uma perspectiva *diacrônica*, que focaliza relações entre fonte, percurso e meta; *sincrônica*, que focaliza a fluidez dos padrões linguísticos, a partir de um enfoque pragmático-discursivo e sintático; ou *pancrônica*, caracterizada pela interdependência entre *sincronia* e *diacronia*, em que subjaz o “método de reconstrução interna” (Traugott 1982).

O objetivo central deste artigo é mostrar a proximidade dos domínios conceituais considerados básicos para a emergência dos sentidos da locução *mesmo/ainda assim*, como resultado de um processo de GR ainda em curso. Esse processo, no entanto, será focalizado, neste estudo da língua, levando-se em consideração as TDs, a partir do entendimento de que a adoção de novas TDs tem servido, na história das línguas, como motor para inovações e mudanças, o que leva ao pressuposto de que, a cada nova tradição, pode se dar uma busca por meios linguísticos apropriados, podendo levar tanto à conservação do que já existe no sistema, como à criação de algo novo.

Considero, portanto, uma possível relação entre TD e o caminho de mudança da locução conjunta *mesmo/ainda assim*, especificamente relacionado aos domínios conceituais mobilizados, de modo a apontar para especificidades desse processo de mudança no que tange à implementação de seus mecanismos fundamentais.

Nesta direção, o estudo da língua deixa de ser de um século a outro e passa a comparar resultados analíticos de textos diferentes, segundo uma concepção de diacronia *não ideal* que acarreta um novo ângulo de focalização do processo de GR, tornando necessária uma análise em correlação a cada TD a fim de determinar o funcionamento do item, de modo a refletir suas transformações nas TDs focalizadas. Não atentar para essas especificidades acarreta a homogeneização do material de análise e, em consequência, resultados inconsistentes.

2. Material e método

O *corpus* organiza-se segundo: (i) as TDs investigadas; (ii) a delimitação geográfica (Estado de São Paulo); e (iii) a delimitação temporal (séculos XVIII a XXI). Foram analisadas amostras compostas por 274 textos referentes a cada TD dos *corpora*: (A) diacrônicos, representativos das TDs *carta* e *editorial*. O *corpus* da TD *carta* divide-se em: (i) *Administração Privada*: cartas de aldeamento de índios (séc. XVIII e XIX); (ii) *Documentos Pessoais*: cartas de pessoas relacionadas a: (a) José Bonifácio (primeira metade do séc. XIX); (b) Washington Luiz (fins do séc. XIX); (c) Prof. Fidelino de Figueiredo (fins do séc. XIX e séc. XX); e (iii) *Cartas de leitores e redatores de jornais* (séc. XIX e XX). O *corpus* da TD *editorial* compõe-se por textos d'*O Estado de S. Paulo* desde a sua fundação até 1964; e

(B) sincrônicos, compostos por: (i) TDs que constituem o Banco de Dados Iboruna (amostras de fala do Noroeste Paulista), a saber: TDs narrativa de experiência, narrativa recontada, opinativa, injuntiva e descritiva;² e (ii) TD *e-mail*.³

A escolha dessas TDs foi motivada por uma relação entre: (i) carta > editorial, de um lado; e (ii) carta > *e-mail*, de outro. A relação em (i) justifica-se a partir de características comuns entre as *cartas em mídia*, escritas por redatores de jornais, e os editoriais, encontrados no jornal paulista em destaque, em alguns casos também assinados por redatores. A relação em (ii), defendida em uma série de estudos (Marcuschi 2008; Cruz 2006, por exemplo), pauta-se no entendimento do meio tecnológico, subjacente à contextualização do *e-mail*, como condição de produção específica desse texto. Assim, com a mudança representada nesse meio, toma lugar uma nova tradição textual, ainda que seus laços com outras tradições sejam claros. Tal relação é relevante porque este estudo toma o conceito de TD (cf. Kabatek 2008, 2005) não só como ferramenta metodológica para a constituição dos *corpora* de pesquisa, mas como critério teórico de relevância no processo de GR.

Nas seções seguintes, apresento, numa perspectiva teórico-analítica, o domínio, caracterizado por flutuações semântico-cognitivas e categoriais, em que a locução *mesmo/ainda assim* será analisada: (i) qualitativa e quantitativamente, mediante exposição de seus usos (não-)prototípicos, com o intuito de flagrar indícios de seu processo de GR; e (ii) mediante as relações semântico-cognitivas envolvidas nesse processo, com o objetivo de traçar um quadro geral da GR dessa locução em correlação às TDs focalizadas.

3. No domínio da flutuação

² O conceito de TD abrange as funções comunicativas, cognitivas e institucionais, bem como suas peculiaridades linguístico-estruturais. Considero a formação de uma TD a partir da combinação desses aspectos. Assim, a TD diferencia-se do gênero textual, mas pode incluí-lo, bem como os tipos textuais. Portanto, da mesma forma que *cartas* e *editoriais* constituem TDs, podendo englobar outras TDs, a partir da composicionalidade da tradição que representam, os diferentes tipos textuais também constituem TDs.

³ A relação entre fala/oralidade e escrita/literalidade assumida aqui se aproxima da posição assumida por Corrêa (1997). Portanto, adoto não a compartimentação de gêneros em um contínuo, mas um *modo heterogêneo de constituição da escrita*, fundamentado na depreensão de TDs escritas transpassadas por traços de oralidade e vice-versa.

Antes de iniciar a análise das ocorrências da locução conjunta, nos *corpora* eleitos para este trabalho, apresento algumas considerações pertinentes relacionadas à flutuação existente entre as construções *concessivas* e as *adversativas*.

Segundo Koch (2001), do ponto de vista semântico, os juntores adversativos (do grupo do *mas*) e os concessivos (do grupo do *embora*) têm funcionamentos semelhantes: opõem enunciados de perspectivas diferentes, que orientam para conclusões contrárias, instaurando, portanto, uma relação de *contraste*. Também para Halliday e Hasan (1976), tanto as construções adversativas quanto as concessivas são mediadas por uma relação contrastiva, cujo significado básico é a contrariedade à expectativa. Nessa linha, Chen (2000) afirma que semanticamente a noção de concessão é muito similar à de contraste e inerentemente relacionada à de adversidade. Como Quirk *et al.* (1985) pontuam, existe frequentemente uma mistura de contraste e concessão. Sendo assim, é possível argumentar que uma relação concessiva sempre implique uma relação adversativa. Diante disso, pressupõe-se que alguns mecanismos e/ou contextos relacionados com a emergência de adversativos podem ser fundamentais para a emergência de juntores concessivos, em nível sintático, mas, ao mesmo tempo, casos de grande flutuação entre esses conceitos, em nível semântico-pragmático.

Segundo König (1985, 5) a distinção entre adversativas e concessivas precisa ser estabelecida. Para o autor, as adversativas, em nível da coordenação ou parataxe, são definidas como relações entre proposições que suportam conclusões contraditórias, sendo que o ponto principal do falante se expressa pela segunda proposição (aqui, denominada Q). As concessivas, pelo contrário, são baseadas em relações condicionais/causais entre eventos em nível da subordinação ou hipotaxe. Apesar dessas diferenças, o autor destaca que não deve ser obscurecido um ponto essencial de similaridade: em ambos os casos, *algo* é suspenso – na relação adversativa, o significado de P (primeira proposição) como um argumento em favor de uma conclusão R, à qual o falante/escritor quer que o ouvinte/leitor chegue, e, na concessiva, a aplicabilidade de certas normas concernentes às relações causais ou condicionais para uma situação corrente.

Além disso, segundo König (1985, 7), alguns juntores (*apesar de, ainda que*, por exemplo) somente expressam relações concessivas, enquanto outros (*embora*, por

exemplo) podem ser usados para os dois tipos de relações. Tomando esse fato juntamente com o de que nem todas as línguas apresentam juntores concessivos enquanto todas parecem ter seus adversativos – como *mas* –, sugere-se que a relação de adversidade seja mais geral e básica e que a relação de concessão seja uma variedade específica da primeira. Diante disso, pressuponho que, a partir de uma relação basicamente adversativa, pode-se inferir, por conta da própria fluidez semântico-pragmática, uma relação concessiva, mais abstrata, a depender do contexto, o que as torna cada vez mais próximas.

A fluidez da relação entre adversidade e concessão fundamenta-se ainda a partir do exame cuidadoso das fontes de GR de juntores concessivos, que, segundo Chen (2000, 91), apresentam-se sob uma grande variedade, relacionada, de uma forma ou de outra, às propriedades sintático-semântico-pragmáticas das concessivas, em expressões que: (i) concedem a existência de uma situação adversa, como os SVs *admitir/conceder*; (ii) enfatizam a adversidade de uma situação concedida, como *mesmo/ainda assim*; (iii) afirmam a ineficácia de uma situação, como *apesar de/todavia*; (iv) declaram a concomitância de duas situações expressas pela antecedente (P) e pela consequente (Q), como *embora*; (v) ajudam a afirmar a factualidade da situação expressa pela consequente (Q), como *apesar disso*.⁴

Para Chen (2000), a motivação para o uso do equivalente a *mesmo/ainda assim* e suas formas variantes, no inglês, como juntor concessivo é clara, já que, ao atuar como partícula enfática, afirmando que a verdade da consequente (Q) não é menos válida por causa da situação adversa expressa na antecedente (P), pressiona a relação concessiva. Esse mecanismo também evidencia a fluidez entre essas relações.

Neves (1999) afirma que a relação que se estabelece entre essas construções, caracterizando tal fluidez, não é simples, da mesma forma como também não o é a implicação que pode ser apontada entre as relações causais, condicionais e concessivas, “todas elas expressivas de uma conexão ‘causal’ *lato sensu* entendida, e todas elas explicáveis em dependência da (não) satisfação de necessidade/de suficiência de

⁴ Vale lembrar que *apesar disso* permite paráfrase por *mesmo/ainda assim*.

determinadas condições” (545).⁵ Torna-se evidente a ligação entre concessão, não satisfação de condições e frustração de uma causalidade possível.⁶ Aqui, admitindo a fluidez da relação entre *adversativas* e *concessivas*, tomarei como pressuposto o fato de que possíveis implicações para o desenvolvimento de uma podem ser relevantes para o desenvolvimento de outra.

Para ilustrar, mais uma vez, essa fluidez, lanço mão da proposta de Oliveira (1996, apud Martelotta 1998), segundo a qual tanto as construções concessivas quanto as adversativas envolvem uma *asserção de base* (P) e uma *negação* ou *restrição* (Q), representativa do argumento que tende a prevalecer na construção. Segundo essa proposta, o elemento conectivo ocorre em P quando se trata de uma concessão, enquanto que, na adversativa, ocorre em Q. Os exemplos abaixo são de Oliveira (1996):

- (a) *Embora* estejamos no inverno (P), está quente (Q).
- (b) Está quente (P), *mas* estamos no inverno (Q).

Diante disso, lembro, em contrapartida, juntamente como já apontado a partir de König (1985), a possibilidade de termos, além da concessiva *embora* P, Q, exemplificada em (a), corroborando a distinção proposta por Oliveira, também a possibilidade P, *embora* Q. Ou seja, o juntor encabeçando a *restrição* (Q), ainda que dentro de uma construção tradicionalmente chamada de concessiva.⁷

Em relação à manobra argumentativa, nas *adversativas*, emprega-se, segundo Guimarães (1987), a *estratégia do suspense*, que faz vir à mente do interlocutor/leitor uma conclusão R, para depois introduzir um (conjunto de) argumento(s) que levará à conclusão ~R. Na *concessiva*, o locutor utiliza a *estratégia da antecipação*, anunciando de antemão que o argumento introduzido por esse juntor será anulado. É importante lembrar, mais uma vez, que a possibilidade de alguns jutores prototipicamente concessivos, como *embora*, surgirem encabeçando Q, torna, novamente, a relação entre adversativas e concessivas marcada pela flutuação:

⁵Para Hermodsson (1994, 93 apud Neves 1999, 546), a concessiva qualifica-se como negação, de nível sintagmático, da relação normal suposta entre as proposições citadas na premissa maior e na menor.

⁶Harris (1988) afirma que existe uma relação semântica que se estende no seguinte *continuum*: orações causais > condicionais > condicionais-concessivas > concessivas. Enquanto no extremo à esquerda a relação de causa é afirmada, no extremo à direita, esse vínculo causal é negado. Assim, uma causa ou condição é expressa na oração concessiva, mas o que se espera a partir dela é negado na oração nuclear.

⁷Essa diferença formal tem reflexos no funcionamento discursivo-argumentativo (cf. Neves 1999).

(b') Está quente (P), *embora* estejamos no inverno (Q).

Todo esse raciocínio sinaliza a base argumentativa da construção concessiva que representa, segundo Neves (1999, 562-563), o ponto exato em que podem ser examinadas as similaridades e diferenças entre concessivas e adversativas. Para ilustrar essa colocação, parto de uma adaptação dos exemplos expostos pela autora a fim de correlacionar ocorrências concessivas, em que se *refuta* uma objeção, com possíveis formulações adversativas, em que se *admite* uma proposição:

- (c) *embora* muito forte, eles fazem um molho muito gostoso.
- (d) (o molho) é muito forte, *mas (mesmo/ainda assim)* é muito gostoso.

Neves (1999, 563-564) ilustra essa operação argumentativa com os esquemas:

Concessivo:

- (c') alguém *pode me objetar* que o molho que eles fazem é muito forte, e eu *não desconheço* isso;
- (c'') (*mesmo/ainda assim*) o molho é muito gostoso.

Adversativo:

- (d') eu *admito* que o molho que eles fazem é muito forte;
- (d'') (*mesmo/ainda assim*) o molho é muito gostoso.

O misto concessivo-adversativo torna-se mais evidente quando ambos os juntores vêm expressos na mesma oração. Segundo a autora, nesses casos, o esquema prevê que a concessiva, ao mesmo tempo, expressa refutação a uma possível objeção de qualquer pessoa e também assentimento referente a alguma validade dessa objeção. Nesse tipo de construção, determina-se uma ordem fixa, na qual a refutação precede a admissão, diferentemente das construções tradicionalmente concessivas, em que a ordem é livre. O exemplo dessa coocorrência é adaptado de Neves (1999, 564):

- (e) Nós temos as reuniões... muito mais participação, porque, *mesmo que* alguns professores faltem porque tenham outros... outros afazeres no ambulatório, *mas (ainda assim)* sempre tem um bom número de reuniões.

Além desses aspectos que indiciam a fluidez entre as concessivas e as adversativas, chamo a atenção também para aspectos de natureza sintática, relacionados à integração oracional e que supostamente caracterizam a diferença que tradicionalmente observa-se entre essas orações, já que as *concessivas* equivalem, prototipicamente, às subordinadas adverbiais, aqui analisadas no âmbito da *hipotaxe*, enquanto as *adversativas*, às coordenadas, no da *parataxe*. Por hipótese, as orações paratáticas são gradualmente menos vinculadas sintaticamente do que as hipotáticas e, desse fato, decorrem algumas

distinções em cada um dos tipos de relações interproposicionais. Para ilustrar essas considerações, apresento as orações abaixo, adaptadas de Martelotta (1998, 42):

- (f) Ele correu muito, *mesmo/ainda assim* não se cansou.
(g) *Mesmo/Aindaque tenha corrido muito* não se cansou.

Em (f), ocorre a parataxe com o juntor expresso em Q, sendo que a vinculação entre P e Q limita-se à referência anafórica realizada por *assim*, na locução em Q, responsável por estabelecer uma *retomada* de P como um todo. Já em (g), P assume o lugar do elemento anafórico, penetrando em Q e indicando um grau maior de integração. Se (f) exemplifica *adversidade* e (g), *concessividade*, tais colocações ilustram diferenças entre essas duas acepções no que diz respeito ao grau de integração oracional.

Segundo Martelotta (1998, 43), um reflexo dessa distinção relaciona-se às incidências adverbiais, isto é, nas adversativas, um advérbio (como *com certeza*) incide apenas sobre P, constituindo Q um argumento referente a P, mas distinto dele e fora do escopo adverbial, o que não ocorre nas concessivas, em que esse escopo incide sobre toda a construção, referindo-se à relação semântica global estabelecida entre as orações:

- (h) Com certeza, *a vida é boa*, mesmo/ainda assim devemos levá-la a sério.
(i) Com certeza, *embora a vida seja boa* devemos levá-la a sério.

Também a presença de formas reduzidas indica um maior grau de vinculação entre as orações, por isso, prototipicamente, não ocorre nas paratáticas. Além disso, é possível a inversão da ordem sintática quando se trata de uma concessiva (traço característico das hipotáticas),⁸ mas não de uma adversativa, que compartilha essa característica com as paratáticas, cuja ordenação obedece a uma relação icônica entre a ordem dos fatos e dos argumentos lógicos.⁹

Considerando as distinções entre a natureza *concessiva* e *adversativa* das construções e também as flutuações verificadas nesse domínio, incluindo aí, expressivamente, as relações *causais* e *condicionais* (cf. Chen 2000; Guimarães 1987; Halliday e Hasan

⁸ Segundo Neves (1999, 554), a inversão da ordem sintática de P e Q não é gratuita, já que, conseqüentemente, passa-se do domínio do conteúdo para o domínio epistêmico (Sweetser 1990).

⁹ Sweetser (1990) argumenta que a nossa expressão linguística do mundo interno é modelada a partir de nossa expressão do mundo real e demonstra que a anterioridade epistêmica, visualizada, por exemplo, na premissa antes da conclusão, reflete, iconicamente, a anterioridade temporal desses eventos no mundo real. Assim, se a oração consecutiva ocorre depois da causal, espera-se que, na relação contrastiva, a quebra de expectativas se dê em relação àquilo que vem antes, ou seja, espera-se que a restrição (Q) ocorra depois da base (P).

1976; Koch 2001; König 1985; Martelotta 1998; Neves 1999; Harris 1988), denominarei a relação *P, mesmo/ainda assim Q*, em seus usos mais gramaticalizados e prototípicos, como *contrastiva* a partir da constatação do traço de contra-expectativa, no âmbito da adversidade e da concessão. Segundo Heine *et al.* (1991, 192), a noção de expectativa relaciona-se ao fato de que as línguas, de modo geral, apresentam formas de expressão para codificar a distinção entre *situações que correspondem às normas compartilhadas* e *situações que se desviam dessas normas*, sendo apenas estas codificadas pela gramática. Os elementos marcadores de contra-expectativa ou, simplesmente, *contrastivos* codificam gramaticalmente esse segundo tipo de situação. Seu uso implica uma comparação entre o que é dito e o que se espera/pressupõe, em relação à norma.

4. Para uma análise de *P, mesmo/ainda assim Q*

A locução conjunta *mesmo/ainda assim* apresenta, no português atual, um valor mais abstrato, *contrastivo*, podendo ser parafraseada por *mas* e, com alterações contextuais, por *embora*:

- (a) A tarefa é fácil, *mesmo/ainda assim* exige esforço.
A tarefa é fácil, *mas* exige esforço.
Embora fácil, a tarefa exige esforço.

Na ocorrência (1), abaixo, *ainda assim* apresenta-se em posição inicial de Q, sem coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial, articulando as orações P e Q, sendo P uma reduzida de gerúndio:

- (1) É neste tempo que eu chego defora em 6do|corrente e sendo já nomeado por esta Villa a dita Junta, vime obrigado|a tomar parte nos negocios, temendo, que o excesso de entusiasmo naõ|degenerasse em males internos, e externos. Estando Membros d'|algũa Villas, *ainda assim* tenho feito, que se naõ tenha installado|a Junta, a espera de Sorocaba, que ainda naõ o quiz mandar (apezar |de que está tambem com bons sentimentos)[...].[BNXIX-11/03]

Não existe, nesse contexto, uma relação *contrastiva* veiculada pela locução, isto é, P descreve uma situação factual/verdadeira em relação à qual Q também descreve outra situação factual/verdadeira que não representa uma situação inesperada/incompatível com a informação em P, mas uma consequência do que foi aí enunciado: é exatamente a presença dos membros das vilas que possibilita os feitos do novo político, recém-chegado, sem a instalação da referida *junta*. Assim, há uma relação de causa-consequência, que permite a paráfrase de *ainda assim* por *por isso*, mas não por *apesar disso*, a partir da acepção de *assim* não reanalisada com *ainda*, conforme seguinte

reescrita do segmento, que apresenta unicamente uma modificação na localização do sinal de pontuação (vírgula) que, prototipicamente, acompanha essa aceção funcional de *assim* (hoje!):

(1') Estando membros de algumas vilas ainda, *assim*, tenho feito[...]

A ocorrência ilustra as relações entre causa e concessão (Chen 2000; Neves 1999; König 1985), refletidas, na diacronia, em contextos que, embora sintagmaticamente favoreçam a leitura contrastiva, cognitivamente revelam a relação causal, significando que um contexto, marcado pela noção de causa, pode favorecer o desenvolvimento de traços contrastivos e, dessa forma, a mudança linguística.

A presença da reduzida e da relação semântico-conclusiva impossibilitam a inversão da ordem das orações e, por conta disso, estabelece-se certo grau de dependência entre P e Q, no sentido da completude semântico-formal.

Em (2), abaixo, novamente não se verifica o *contraste* marcado por *assim mesmo*, mas uma relação, não totalmente gramaticalizada, de coordenação conclusiva veiculada por *e assim*, seguida por *mesmo se* que expressa um obstáculo hipotético, ou seja, uma relação condicional, que garante, no contexto, o valor de contrariedade à expectativa. Não se trata, portanto, de uma leitura reanalisada da locução contrastiva *assim mesmo*, embora a aceção contrastiva esteja presente no âmbito do obstáculo hipotético, codificado por *se mesmo*, no contexto.

(2) [...] faltas de equi= | dade em manobras mais sublimes, vejo eu que me cauzaõ pena, efa= | zem viver por ca com desgosto, eamuito tempo estaria em Lisboa, não obitive sa= | ber muito bem os termos, emque está de caristia de viveres, se me não os pesados | grilhoens damesma familia, *easim mesmo* se mefoce pocivel, cobrar dehum | golpe oque me devem, hiria acabar os meos dias em Lisboa perto do | meo Principe, epodendo euaqui dizer a V. S^a. muitas couzas, mere= meto ao silemcio. [BNXIX-19/11]

Dessa forma, *mesmo* integra com *se* uma locução condicional, que estabelece a relação *mesmo se P, Q*, em que P apoia-se em uma hipótese, nessa ocorrência, observada em *me fosse possível*, representativa de uma *condição de realização* de Q, entendida como o resultado da condição enunciada em P (*iria acabar os meus dias em Lisboa*). Ambas as relações, a de conclusão (não-prototípica), expressa por *e assim*, e a de condição, expressa por *mesmo se*, compartilham a mesma oração Q:

- (2^o) não obtive saber muito bem os termos em que está de carestia de viveres, se não os pesados grilhões da mesma família, (P)
e assim,
[mesmo se me fosse possível cobrar de um golpe o que me devem,]
iria acabar os meus dias em Lisboa [...] (Q)
- (2^o) não obtive saber muito bem os termos em que está de carestia de viveres, se não os pesados grilhões da mesma família,
e assim,
mesmo se
me fosse possível cobrar de um golpe o que me devem, (P)
iria acabar os meus dias em Lisboa [...] (Q)

Este contexto é relevante para o disparo da emergência da reanálise estrutural de [assim] [mesmo] a [assim mesmo], bem como para o da emergência do significado *contrastivo* da locução, já que, segundo Harris (1988, 75), conforme pontuado anteriormente, um dos padrões¹⁰ que explicam o desenvolvimento de vários juntores das línguas românicas e do inglês relaciona a origem das *contrastivas* a construções condicionais, via cláusulas *contrastivas condicionais*, que representam uma *mistura* das duas noções, cf. (2). Assim, sugiro que essa sequência seja potencial para a reinterpretação dos limites semântico-formais induzida pelas contingências contextuais, isto é, por processo metonímico (pela contiguidade formal, em relação à reanálise estrutural, e pela contiguidade dos significados – contrastividade e condicionalidade – em relação à reanálise semântica). Essa também é a interpretação de Neves (1999).

A ocorrência (3) demonstra contexto de ambiguidade semelhante a (1):

- (3) O dito quintal seacha imaberto, por que se|lhezafem algum concerto, como ja vi praticado peloz Indios, para vedar as criaSsoens dediferentes vezinhos, que|aly entraó apastar todo anno, vem o fogo Com so|me o mato, ou feital, que antes estava cobrindo as|ruinas, ou fraqueza dos valos, reconhessem as cri|aSsoens as partes por onde podem fazer assua en=|trada, e por estes passao quando emcontraõ segu|ranSsa nas partes retificadas, oque naó aconte|se hoje ou há annos, por que todo seacha fran|co e se conserva, como campo comum; esse|alguns Indios tem alguns retalhinhos do mesmo|quintal atacados com cercas saó taó lemitados|osterrenos, que nomeo conseito so daó para pouco|mais que huma orta de repolhos, ficando *assim/mesmo* parte da Aldeã, ea|reja [sic] sem defeza|das criaSsoens, [AIXVIII-24/62]

Em (3), *assim mesmo* ocorre após o verbo da reduzida de gerúndio que constitui Q, em posição medial, sem a coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial. A ambiguidade configura-se pela possibilidade de duas interpretações distintas para o

¹⁰ Harris (1988, 75) apresenta seis padrões que auxiliam na compreensão da natureza dos conectivos e, sobretudo, dos contextos que refletem a relação de contrastividade. São eles: (i) o padrão indefinido, portanto total (*Whatever you may do, nevertheless...*); (ii) o padrão total explícito (*All that you may do, nevertheless...*); (iii) o padrão volitivo (*Let it be as you wish/ let it be so, nevertheless...*); (iv) a marca explícita de posição escalar extrema (*Most X that it maybe, nevertheless...*); (v) padrão temporal, frequentemente reforçado (*While/when...nevertheless...*) e; (vi) O padrão condicional, frequentemente reforçado (*Even if/ though He did it, nevertheless...*). Aqui, interessa especificamente o padrão (vi).

mesmo contexto. Na primeira, cf. (1), a relação *contrastiva* não é observada, já que P e Q descrevem situações factuais/verdadeiras e que não representam uma situação inesperada/incompatível. Segundo essa interpretação, o fato de os índios terem *retalinhos* de quintal, atacados com cercas, é insuficiente para modificar o fato de as suas criações continuarem sem defesas. Dessa forma, a locução *assim mesmo* pode ser parafraseada por *do mesmo modo* e permite uma relação em que todo o segmento tópico, em P, em especial *porque tudo se acha franco e se conserva como campo comum*, funciona numa relação de causa-consequência com Q: *ficando assim mesmo parte da aldeia e a igreja sem defesa das criações*. Na segunda interpretação, a relação *contrastiva* é agora veiculada pela locução se for considerado um contexto mais específico do tópico, marcado pela oração condicional *se alguns índios tem alguns retalinhos do mesmo quintal, atacados com cerca*, em P. Essa informação funciona como base para a inferência de que há “defesa das criações, já que os índios têm seus quintais atacados com cercas”, contrastada pela afirmação contrária em Q. Dessa forma, a locução *assim mesmo* resgataria, em Q, exatamente o conteúdo da condicional, podendo ser parafraseada por *apesar disso*:¹¹

(3') [...] *porque tudo se acha franco e se conserva como campo comum*, e se alguns índios têm alguns retalinhos do mesmo quintal, atacados com cercas, são tão limitados os terrenos que, no meu conceito, só dão para pouco mais do que uma horta de repolhos, *ficando* da mesma forma *parte da aldeia e a igreja sem defesa das criações* [...]

(3'') [...] *porque tudo se acha franco e se conserva como campo comum*, e *se alguns índios têm alguns retalinhos do mesmo quintal, atacados com cercas*, são tão limitados os terrenos que, no meu conceito, só dão para pouco mais do que uma horta de repolhos, *ficando* apesar disso *parte da aldeia e a igreja sem defesa das criações* [...]

Toda essa complexidade semântico-formal, principalmente de P, nesse caso, gera a ambiguidade da acepção e constitui um ambiente propício para a mudança, uma vez que mesmo que se queira transmitir A, não se pode evitar, a partir de um tópico como esse, que se interprete B. Novamente, esse contexto apresenta a correlação entre causa, condição e concessão, relacionada ao desenvolvimento da acepção contrastiva.

Em (4), *assim mesmo*, no início de Q, sem coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial, articula P e Q, sendo P uma oração complexa:

¹¹ Na primeira interpretação, a inversão da ordem de Q em relação a P não é possível por conta do estabelecimento da relação lógica entre P e Q. Na segunda, essa impossibilidade é mantida por meio da relação fórica estabelecida entre Q e P.

- (4) Eoutro Ssim por que hay huãs profecias | de Como vossaexelencia não hade hir a Cujaba SenoSso | Senhor ouvir osRogos dospeccadores *aSsim mesmo* | hadeSer por que me parece não ha' quem | Sedescuide Com esta deligençia inda que | Seria Com muito dispndio de vossaexelencia Seadita pro | feçia sahir Certo[...] [AIXVIII-11/48]

Nesse contexto, *assim* e *mesmo* já estão reanalisados na locução com valor *contrastivo*. Sintaticamente, a construção pode resultar da elisão da forma verbal *sendo* (*mesmo* [*sendo*] *assim*, cf. Lopes-Damasio 2011). Nesse contexto, *mesmo* funciona como operador de subordinação com interpretação concessiva/contrastiva, semelhante àquela que se obtém com *embora*, enquanto *assim* retoma anaforicamente a proposição precedente.

Em P, há uma asseveração com a admissão de *V. Exa. não ir a Cuiabá* e, em Q, a não aceitação da inferência realizada a partir dela, gerando o contraste. Novamente, há a presença, em P, da condicional *se nosso Senhor ouvir os Rogos dos pecadores*, antes da inserção de Q. A relação de quebra de expectativas que gera o contraste via negação de inferência existente entre P e Q é perpassada pela condição, revelando, mais uma vez, a importância do contexto – condicional/contrastivo – para o desenvolvimento dessa última acepção, ainda que em condições distintas daquela analisada em (2), uma vez que aqui a locução já está reanalisada.

O segmento *há de ser* de Q ativa o compartilhamento da informação *ir a Cuiabá*, de P, desfazendo a negativa presente nesse segmento e estabelecendo o contraste, marcado pela locução. Segue uma reescrita atualizada desse segmento tópico (em negrito, estão os trechos compartilhados entre P e Q; entre parêntese, a paráfrase por *apesar disso*; sublinhada, a oração condicional que compõe o contexto de P e, ainda, mais um trecho desse tópico que favorece a interpretação proposta):

- (4') *porque há umas profecias de como Vossa Excelência **não há de ir a Cuiabá** se nosso Senhor ouvir os Rogos dos pecadores, **assim mesmo (apesar disso) há de ir a Cuiabá** porque, me parece, que não há quem se descuide com esta diligência, ainda mais que seria com muito dispndio de Vossa Excelência se a referida profecia for verdadeira.*

Frente a essas constatações, a relação de ordenação entre P e Q é marcada, tanto em nível formal, pela foricidade estabelecida por Q em relação a P, quanto em nível semântico, pela colocação em P que funciona como base para a inferência que contrasta com a colocação em Q, sendo esse *contraste* marcado pela locução *assim mesmo*. Torna-se, portanto, agramatical uma inversão da ordem de P e Q.

Em (5), *assim mesmo* coocorre, no final de Q, com *mas*, responsável pela articulação de P e Q, em contexto de inserção parentética em Q:

- (5) Além disso desde março que|estou lecionando Inglês e Português; o que|mais custa é ser à noite, mas *como/não tinha nada*, aceitei *assim mes-mo*. [FFXX-54f/136]

Como já destaquei, em P há uma asseveração, com a admissão de um fato e, em Q, a não aceitação da inferência a partir do que foi veiculado em P. Diferentemente de (4), a insuficiência da asseveração, em P (cuja forma não é a de uma asseveração propriamente dita), para permitir a inferência contrastiva, é indicada por *assim mesmo*, justificando a ocorrência de *mas*, que marca o contraste e, no final de Q, a de *assim mesmo*, que reforça esse contraste. No segundo membro coordenado, o parêntese insere um argumento não considerado (*como não tinha nada*), avaliado como mais relevante do que o anterior, no primeiro membro, embora esse argumento, em P, seja admitido, justificando a relação contrastiva e, assim, o uso de *mas* e de *assim mesmo*.¹²

A inversão da ordem de P e Q torna a construção agramatical graças à articulação realizada por *mas*, indicando o princípio icônico de ordenação desses enunciados coordenados, e à relação fórica estabelecida por *assim mesmo*, ainda que possa haver mobilidade da locução em Q após *mas* (pré ou pós verbal).

Nas TDs do Iboruna, ocorrem casos cf. (5), em que, tanto em posição final de Q (6), como após *mas*, em posição pré verbal (7), a locução indica a não aceitação da inferência realizada a partir da asseveração, em P, e marcada inicialmente por *mas*, enfatizando a aceção contrastiva do complexo:

- (6) um po(u)quinho só... e:: cada duas horas eu tenho que comê(r) um po(u)quinho de coisa porque meu estômago tá pequenininho né?... mas eu me conformo *MESmo assim* porque eu saí dos cento e trinta quilos... [AC-152/NE1222]
- (7) chegamo(s) em Noronha pegamo(s) um aviãozinho pequeno -- óh eu dentro dos aviões de novo -... só que aquele eu senti medo... tomei Dramim tudo pra num vomitá(r) mas *mesmo assim* passei muito mal... [AC-051/DE095]

Esse tipo de ocorrência representa um estágio em que a locução, atreladamente ao seu elo anafórico – que, como germe de sua função juntiva, reforça a relação entre Q e P, já

¹² Além da relação contrastiva, mais abstrata, a locução *assim mesmo* permite paráfrase por *do mesmo modo*, revelando a ambiguidade semântica (MODO > CONTRASTE) que perpassa seus usos não prototípicos, com aceção mais concreta.

marcada por *mas* –, desempenha a função de reforçar o contraste, veiculado por este item, prototipicamente responsável pela junção com aceção contrastiva.¹³ Ressalto, novamente, a ambiguidade, nesse uso, perpassado pela aceção modal.

O *corpus* da TD *e-mail* apresenta uma única ocorrência, exposta abaixo, relacionada a esse padrão e à situação de ambiguidade semelhante àquela analisada cf. (5), (6) e (7). No dado de *e-mail*, entretanto, *mesmo assim* encontra-se no final da coordenada Q, sem a presença de outro elemento para o estabelecimento do contraste a partir da não aceitação da inferência baseada na asseveração em P. Apesar disso, também são possíveis ambas as leituras, contrastiva e modal, a partir de paráfrases por *apesar disso e do mesmo modo*:¹⁴

- (8) Oi, T., olha eu de novo te enchendo!!!!|| Em algumas cartas q são e-mail, não aparece o local, || apenas o e-mail da pessoa. Devo utilizá-las *mesmo assim*? [...] [EMAILXXI-13/21D]

A TD editorial também oferece contextos importantes para a descrição do desenvolvimento do funcionamento dessa locução conjunta, no que diz respeito à contiguidade sintagmática e às estratégias semântico-cognitivas realizadas por ela. Nessa TD, entretanto, destaca-se o fato de que todas as ocorrências já apresentam a locução reanalisada.

Em (9), abaixo, a locução com valor contrastivo localiza-se em início de Q, expressando Q a não aceitação da inferência do que foi argumentado em P e, portanto, a refutação da situação factual e verdadeira aí representada (*há vergonha em confessar-se a verdade inteira*). No entanto, em P, a situação factual é apresentada via processo de modalização (*Quer nos parecer hoje*) que provoca a diminuição do caráter asseverativo da proposição, preparando, semanticamente, o contexto de inserção de Q. Argumentativamente, não há uma estratégia puramente suspensiva, como nas adversativas prototípicas, mas também não há uma total antecipação, como em contextos com o juntor *embora*, por exemplo.

¹³ Portanto, considero usos como (6), em que *mesmo assim* localiza-se no final de Q, como representativos de contextos importantes para o desenvolvimento da função conjunta da locução, desempenhada prototipicamente aí pelo juntor *mas*.

¹⁴ Nos dados da TD narrativa de experiência, observa-se o mesmo tipo de funcionamento ambíguo, na mesma localização, constatada em *e-mails*, mas fora de contexto interrogativo.

- (9) Quer nos parecer que hoje há vergonha |em confessar-se a verdade inteira. ||*Ainda assim*, estas informações não [levam] |o sr. conselheiro director das terras |e colonização a formular um desmentido á |imprensa paulista, e particularmente a nós. [APSPXIX-1876/026]

Outro contexto recorrente, em editoriais, e também relacionado a essa fluidez argumentativa, cf. (9), pode ser representado pela ocorrência que segue:

- (10) *Dado mesmo que* haja reflectido e mudado|de opinião [ininteligível] os srs. ministros da fazenda|e presidente do conselho, *ainda assim* ha|ahi uma questão melíndrosa e gravíssima a|decidir: é licito á corôa *demittir* um ministro|de estado estando o parlamento a funcionar|e sem que este se tenha manifestado? [APSPXIX-1879/058]

Em (10), *ainda assim* encontra-se em contexto que articula Q a P, sendo P iniciada por construção parafraseável por *embora*. A concessiva, iniciada por *dado mesmo que*, ao mesmo tempo, expressa refutação a uma possível objeção e assentimento referente a alguma validade dessa objeção, na oração iniciada por *ainda assim*. Dessa forma, o contexto mostra uma forte mescla entre o funcionamento de *embora*, aí representado por outra construção, e *ainda assim*, uma vez que P inicia-se apontando para a antecipação da negação da inferência que será realizada *a posteriori* em Q, sendo que, em Q, gramaticaliza-se novamente a negação dessa inferência por *ainda assim*. Nessa ocorrência, a paráfrase da locução por *mas* não é aconselhável, o que reforça a importância do contexto para a emergência das características mais concessivas no funcionamento de *ainda assim*. Outros contextos dessa locução, na TD editorial, revelam o mesmo tipo de fluidez, no que tange à contiguidade com o item *mas*.

Por fim, (11) e (12), extraídas da TD editorial, trazem a locução reanalisada, em contextos que ilustram esse fato definitivamente:

- (11) Não serve de argumento o acto que o colle-|ga procurou relacionar com esse que aconse-|lha. Além das condições de iniciativa e exe-|cução, que são diversas, ha mais a notar que a|oposição em Campinas era quasi geral da|parte d'aquelles que tinham que pagar o impos-|to. Suppômos mesmo, não podemos affirmar de|prompto, que a tabella não fora aprovada re-|gularmente pela Assembleia.||*Mas, dado que* a camara municipal de Cam-|pinas se julgasse com direito de suspender a|execução da cobrança de uma tabella de im-|postos, *ainda assim* as razões que lá podiam|ter determinado esse procedimento não são as|mesmas que apresentaram os srs. lavradores de|Pindamonhangaba. [APSPXIX-1884/094]
- (12) *Si*, pois, a provincia fosse possível ap-|plicar maior parte de sua renda a esses|dous poderosos factores do seu progresso,|maior seria também a sua riqueza e pros-|peridade. ||*Mas* a centralização pêa-lhe os movi-|mentos, abafa as aspirações e impõe uma |distribuição de rendas em grande parte|com destino improdutivo, mesmo com re-|lação ao todo. ||*Ainda assim* devem os paulistas em|cada anno fazer a conta do Deve e Haver|com o imperio para ter certeza do quan-|to vale na união, como esta estabelecida|no regimen actual, que parece não com-|prehende-a sem as fortes cadêas da cen-|tralização. [APSPXIX-1881/072]

Em (11), as características especificadas anteriormente estão presentes no mesmo contexto: P é iniciada pela adversativa *mas*, seguida por *dado que*, parafraseável por *embora*, e Q inicia-se por *ainda assim* que, no segundo membro coordenado, enuncia um argumento não considerado, em relação ao qual o argumento anterior, embora admitido (= *ainda assim*), é considerado menos relevante do que o que vem acrescentado. Em (12), além de o contexto apresentar a coocorrência de *ainda assim* e *mas*, a condicionalidade está também presente.

Além dos contextos de ambiguidade já expostos, nessa análise, nas ocorrências das TDs do Iboruna, observam-se outros, importantes para o processo de desenvolvimento, refletido sincronicamente, em que a interpretação dos itens como componentes de uma locução com acepção contrastiva depende, imprescindivelmente, de sua realização prosódica:

- (13) ... ah salgado eu faço aquelas coisas bá::sicas *mesmo assim*... êh:: uma coisa que eu faço todo dia é milho refogado [AC-116/RP910]
- (14) foram seis meses... saindo::... aí voltei com e::le... meio na escond/ escondida *assim*... minha avó num sabe *ainda:: assim* alguns parentes sabem... meu pai e minha mãe sa::bem tudo [AC-052/NE163]
- (15) mas é uma organização mui::to bacana... as ruas bem largas... pra gente fazê(r) caminhada e dá pra passá(r) os carros *assim mesmo*... porque lá a gente num caminha pelas calçadas... [AC-152/DE1239]

Em (13), embora contíguos sintaticamente, é inadequada a leitura contrastiva de *mesmo* e *assim*, o que indica um uso não reanalisado dos itens, em “eu faço aquelas coisas básicas *mesmo*” e *assim* atuando como MD preenchedor de pausa em contexto hesitativo (marcado também pela expressão *eh::e* por pausas não preenchidas), sinalizando a procura por um assunto para ser desenvolvido no tópico. Nesse caso, as análises sintático-semântica e pragmática são suficientes para que se chegue a esta conclusão.

Entretanto, em (14), a sintaxe, a semântica e até a pragmática permitem a interpretação de P como “minha avó não sabe” e Q, introduzida pela locução contrastiva “*ainda assim* alguns parentes sabem...”, baseando a leitura na quebra de expectativas que representa outros parentes saberem do namoro se a avó não sabe. Ter-se-ia um uso prototípico da locução. Entretanto, a audição do inquérito e uma análise prosódica revelam um uso de *ainda* e *assim* não reanalisado na locução, de forma que *ainda* mantém sua acepção

temporal, associando-se ao contorno entoacional descendente de “minha avó não sabe *ainda*”, com pausa separando esse enunciado prosódico do seguinte, iniciado por *assim*, realizado com contorno entoacional ascendente, sinalizando cataforicamente o enunciado “alguns parentes sabem... meu pai e minha mãe sa::bem tudo”. Apesar disso, esse contexto evidencia um ambiente propício para a reanálise formal, na constituição da locução, dado que, semanticamente e pragmaticamente, a acepção contrastiva pode ser inferida a partir dele, cf. sugere leitura do tipo: *minha avó num sabe (ainda)... ainda assim alguns parentes sabem...*

De forma semelhante, em (15), apenas a análise prosódica garante, agora, a interpretação contrastiva da locução no complexo, com P, “as ruas bem largas... pra gente fazê(r) caminhada”, e Q “e dá pra passá(r) os carros *assim mesmo*”, ao invés da análise de *assim* como Sinalizador de construção de Quadro Mental (cf. Lopes-Damasio 2011), associado à descrição “e dá pra passá(r) os carros *assim*”, e *mesmo* ligado a *porque* em “*mesmo* porque lá a gente num caminha pelas calçadas”. Ainda a leitura não atestada pela análise prosódica¹⁵ não deixa de evidenciar o significado contrastivo do complexo.

Portanto, nos usos mais gramaticalizados, que estou chamando aqui de usos prototípicos, a locução é empregada em orações consideradas livres e funcionalmente independentes. Para uma melhor ilustração desse funcionamento, recupero os pressupostos de Halliday (1985), conforme quadro abaixo, em que à notação 1 (inicial) e 2 (continuação), na parataxe, e α (dominante) e β (dependente), na hipotaxe, acrescentar-se-ão P e Q:

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1P (inicial)	2Q (continuação)
HIPOTAXE	α P (dominante)	β Q (dependente)

Quadro 1: Parataxe e Hipotaxe

De acordo com a análise realizada neste trabalho, em seus usos mais prototípicos, em 2Q, *mesmo/ainda assim* representa uma combinação de *realce* com a *parataxe* (1P x 2Q), produzindo o que é também um tipo de coordenação. A oração introduzida por

¹⁵ Prosodicamente, constata-se uma frase entoacional (I) em Q, marcada por contorno final descendente e por pausa que a separa da próxima I *porque lá a gente num caminha pelas calçadas*. Portanto, *assim mesmo* realiza-se no interior da mesma I, sem pausa separando os itens que constituem a locução.

mesmo/ainda assim integra a categoria *causal-condicional* apresentada por Halliday (1985, 213), marcando um significado de concessão-consequência, que, aqui, denominei de relação *contrastiva*, ao invés de concessiva, a fim de marcar uma diferença entre esses usos e os concessivos: se a oração em realce preceder, tornando-se temática, no complexo oracional, a relação é hipotática, e, portanto, concessiva, se a oração em realce proceder, como é o caso de 2Q introduzida por *mesmo/ainda assim*, a relação é paratática. No entanto, enfatizo que, com isso, não estou desconsiderando toda a fluidez semântico-cognitiva que perpassa esses usos, conforme exposição realizada nesta seção, mas, sim, considerando-a como indicativo do processo de mudança por que passa a locução. Note que aqui, como preconiza Halliday, embora haja a independência característica das orações paratáticas, a sequência/ordenação não pode ser alterada.

A Tabela 1 traz a frequência de usos prototípicos (P) e não-prototípicos (N-P) da locução analisada de acordo com cada TD:

	P	%	N-P	%
TD carta	01	(20%)	04	(80%)
TD editorial	06	(60%)	04	(40%)
TD <i>e-mail</i>	0	(0%)	01	(100%)
TD narrativa de experiência	02	(28,57%)	05	(71,43%)
TD narrativa recontada	0	(0%)	0	(0%)
TD opinativa	02	(40%)	03	(60%)
TD injuntiva	01	(50%)	01	(50%)
TD descritiva	01	(50%)	01	(50%)

Tabela 1: Frequência de usos prototípicos e não-prototípicos de P *mesmo/ainda assim* Q.

P *mesmo/ainda assim* Q é mais recorrente, diacronicamente, na TD editorial (10 ~ 5,34% frente a 05 ~ 3,93% na TD carta). Na perspectiva sincrônica, o maior número de casos é constatado na TD narrativa de experiência (7 ~ 2,38%).

Diacronicamente, a TD carta apresenta 80% das ocorrências em contextos não-prototípicos e favorecedores da mudança que leva ao padrão (em comparação com 40% de suas ocorrências não-prototípicas nos dados da TD editorial). Sincronicamente é também elevada a frequência de seus usos não-prototípicos.

A partir da análise qualitativa, das indicações quantitativas apresentadas nesta seção e das relações semântico-cognitivas, envolvidas no processo, que serão apresentadas na seção seguinte, algumas considerações poderão ser feitas no que tange à GR de *mesmo/ainda assim* em locução juntiva de valor contrastivo.

4.1. As relações semântico-cognitivas no processo de GR de *mesmo/ainda assim*

O Quadro 2, abaixo, ilustra a organização interna do espaço semântico de relações interacionais em termos de seus graus relativos de *discretude* e de *simplicidade/complexidade cognitiva*. A representação de caráter linear, tal como a que segue, pode ser considerada problemática, especialmente nesse conjunto de relações, caracterizadas como mais complexas e abstratas, em que se agrupam as noções de *causa, condição, contraste* e *concessão* no sistema ou macronível denominado de CCCC (cf. Kortmann 1997). Entretanto, no que tange à organização da complexidade cognitiva crescente, nesse macronível, e ao fenômeno aqui analisado, a relação de *contraste*, caracterizadora dos usos mais gramaticalizados da locução *mesmo/ainda assim*, é considerada mais complexa do que a de Causa/Consequência ou qualquer outra à sua esquerda e menos complexa do que a relação de Concessão à sua direita, o que indica sua maior proximidade sintática com as construções adversativas.

Quadro2: Não-discretude semântica e complexidade cognitiva de relações interacionais do sistema CCCC

NÃO DISCRETUDE SEMÂNTICA E COMPLEXIDADE COGNITIVA DE RELACÕES INTERORACIONAIS							
Relações	- GRAU DE DISCRETUDE >>> >>> >>> >>>						+ GRAU DE DISCRETUDE
	- GRAU DE COMPLEXIDADE >>> >>> >>> >>>						+ GRAU DE COMPLEXIDADE
CCCC	Causa <i>Because</i>	Condição <i>if</i>	Resultado <i>so that</i>	Propósito <i>in order that</i>	Condição Concessiva <i>even if</i>	Contraste <i>whereas</i> MESMO/AINDA ASSIM	Concessão <i>although</i>

Segundo Kortmann (1997) existem evidências morfológicas e semânticas suportando a intuição de que relações interacionais diferem quanto à *basicness* cognitiva ou centralidade para o raciocínio humano. Seus parâmetros permitem postular uma estrutura em camadas, no espaço semântico de relações interacionais, de forma a caracterizar um núcleo de relações circunstanciais básicas e diversas camadas de relações cada vez mais periféricas, cf. a adaptação da Figura que segue:



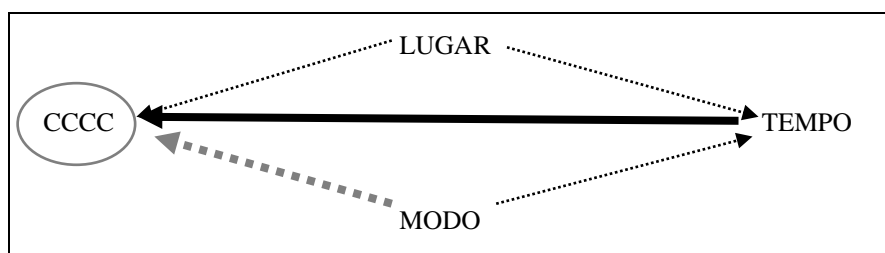
Esquema 2: *Basicness* cognitiva ou centralidade para o raciocínio humano

Kortmann afirma, segundo sua pesquisa, que as doze relações que constituem o núcleo (representado em cinza) exibem o mais alto grau de lexicalização em juntores, isto é, em um número considerável de línguas, foram encontrados juntores codificando, lexicalmente, tais relações. A afirmação, portanto, é de que essa disponibilidade reflete a *basicness* cognitiva ou, em outras palavras, que “os *princípios lexicais auxiliam na codificação dos cognitivos*” (Kortmann 1997, 341, grifos do autor).

É crucial, para Kortmann (1997, 342), defender que esse conjunto central recebe suporte da análise da frequência em várias línguas, do que se conclui que *basicness* cognitiva de relações interoracionais pode, enfim, ter reflexos na língua, de modo a se caracterizar por itens altamente gramaticalizados ou, acrescento, em vias de GR. Segundo o autor, tal reflexo linguístico encontra identificação também com a estabilidade temporal, indicativa de que, na codificação das relações interoracionais mais básicas, estarão os juntores mais “velhos” em uma língua, ou seja, que já passaram, pelo menos, por mudanças morfo-semânticas ao longo do tempo. Diante dessa colocação e das análises conduzidas até aqui, estendo a afirmação de Kortmann, assumindo que não apenas juntores já estabilizados podem ser identificados nesse núcleo, mas também juntores que, ao longo do tempo, sofrem GR, o que equivale a dizer que os sistemas de relações semântico-cognitivas nucleares favorecem a emergência de mecanismos que, a partir do material linguístico disponível na língua, atuarão na constituição de formas novas de codificar velhas relações, o que pode ser ilustrado pelos usos, que configuram um processo de mudança via GR, da locução juntiva *mesmo/ainda assim*.

Kortmann (1997, 342) destaca que *complexidade cognitiva* e “*basicness*” *cognitiva* precisam ficar separadas, porque a segunda não necessariamente envolve a primeira, sendo o inverso também verdadeiro. Concessão/contraste é um exemplo de relação interoracional que exhibe alto grau de complexidade cognitiva e que, claramente, pertence ao conjunto central de relações cognitivamente básicas.

Do ponto de vista de um macronível, o espaço semântico das relações interoracionais identifica-se com quatro conjuntos de relações, cf. esquema 3. Essas relações são: *locativas, temporais, modais* e *CCCC*:



Esquema 3: O espaço semântico das relações – macroníveis (adaptado de Kortmann 1997, 178)

De acordo com esse mapa, o padrão representado pela locução conjunta *mesmo/ainda assim* sugere uma relação que parte, por conta do item *assim*, do sistema modal, em direção ao sistema CCCC. Essa locução revela usos bastante ambíguos, por aspectos distintos, expostos na análise semântico-formal, em que, a partir de uma leitura basicamente modal, mais concreta, pode-se inferir uma leitura contrastiva, mais abstrata. Entretanto, em contextos marcados por relações indicativas do sistema CCCC, como esse aqui analisado, além da fluidez semântico-cognitiva que caracteriza um aspecto do processo de GR entre macroníveis distintos (MODO > CCCC), o uso da locução caracterizado como *contrastivo* apresenta, da mesma forma, casos de polissemia interna a um mesmo sistema, em micronível. Há, nesse micronível, as relações de *causa* e *condição*, como características dos contextos que propiciam a emergência da acepção *contrastiva* do padrão, que, por sua vez, apresenta fluidez entre *adversidade* e *concessão*, conforme procurei destacar na seção anterior.

Esses resultados corroboram: (i) a unidirecionalidade das afinidades, refletidas nas direções observáveis mais frequentemente em mudanças semânticas¹⁶ que geram juntores; e (ii) a polissemia – em macro e microníveis– envolvida em um processo de GR que faz emergir, a partir do repertório já disponível na língua, construções gramaticais que deslizam de usos menos para mais abstratos, não apenas entre domínios semântico-cognitivos distintos (MODO > CCCC), mas também dentro de um mesmo domínio (CCCC).

5. Considerações finais

O processo de mudança aqui focalizado sofre influência dos contextos linguístico-pragmáticos que o subjazem. Estes, por sua vez, estão associados diretamente às características das TDs focalizadas.

¹⁶ Essa mudança é acompanhada, no processo, por mudança categorial.

De modo geral, na TD carta, as análises mostraram vários exemplos em que, embora em contextos relevantes para a emergência da aceção e do funcionamento da locução conjunta de valor contrastivo, foram constatadas situações de não reanálise ou de ambiguidade em relação às características dessa construção. Por sua vez, nos editoriais, embora a reanálise de *ainda/mesmo* e *assim* estivesse concluída (sendo a locução usada, em maior frequência, de forma prototípica), os contextos de sua utilização continuaram permeados por aspectos concessivos, adversativos e/ou condicionais, por vezes até de forma contígua, o que, além de indicar o próprio desenvolvimento da locução, justifica sua acentuada fluidez entre concessão e adversidade. Por sua vez, os dados de *e-mail* e das TDs do Iboruna mostraram contextos relevantes para a identificação de ambiguidades, principalmente, nestas últimas, em que se constataram relações de contiguidade sintagmática na possível implementação da mudança, refletida sincronicamente, associada, muitas vezes, a fatores que extrapolam a análise sintática, semântica e pragmática, exigindo uma análise de cunho prosódico.

A partir desses resultados, é possível afirmar, no que tange ao processo de GR da locução *mesmo/ainda assim* em correlação às TDs focalizadas, que:

- (i) com base na análise dos usos não-prototípicos da locução, há relações entre as TDs carta, *e-mail* e TDs do Iboruna, apesar das distintas bases semióticas que as subjazem, indiciando, portanto, aspectos sintomáticos da heterogeneidade constitutiva da escrita, nos moldes de Corrêa (1997);
- (ii) existe um processo de mudança que ainda se revela em trânsito, mesmo na TD editorial, que favorece os usos prototípicos da locução, ainda que em ambientes fortemente marcados por traços semântico-cognitivos e formais característicos de contextos em que a locução emerge. De fato, as condições de produção da TD editorial favorecem esse tipo de constatação, uma vez que privilegiam dimensões da ação comunicativa voltadas para o protesto, a refutação, a negação, a objeção, o repúdio, a recusa, a oposição, entre outras intrinsecamente marcadas pela atividade fortemente argumentativa, pública e planejada, em que são privilegiados padrões conjuntos de maior complexidade semântica.

Ou seja, os usos da locução aqui investigada, desde o século XVIII até a sincronia atual, comprovam que, sincronicamente, sentidos adjacentes são também diacronicamente

adjacentes (Traugott 1982). Mostram, assim, que os sentidos que caracterizam a fonte de derivação, na diacronia, refletem-se como fonte de polissemia e ambiguidade, na perspectiva sincrônica. Entretanto, nessa relação entre as perspectivas e o processo de GR, ganha destaque a implementação da mudança em cada uma das TDs focalizadas, que revelam usos da locução em estágios distintos do processo (TDs carta, *e-mail* e TDs do Iboruna, com usos menos prototípicos, em estágios mais incipientes da mudança, e TD editorial, com os mais prototípicos, em estágio mais avançado). Apesar disso, de modo mais genérico, todas as TDs apresentam, da mesma forma, fortes indícios de um processo de mudança que ainda se revela em curso.

Referências

- BARBOSA, Afrânio y LOPES, Célia. 2002. *Cartas de leitores e de redatores*. Cópia digital.
- _____. 2006. *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ.
- CHEN, G. 2000. "The grammaticalization of concessive markers in Early Modern English". En *Pathways of change, grammaticalization in English*, editado por FISCHER, O., 85-108, Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company.
- CORRÊA, M. L. G. 1997. "O modo heterogêneo de constituição da escrita." Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- CRUZ, G. D. da. 2006. "O e-mail e sua produção no meio eletrônico: o suporte afeta o gênero?" *Revista Letra Magna*, 03: 1-22.
- GUIMARÃES, E. R. J. 1987. *Texto e Argumentação*. Campinas, Pontes.
- HALLIDAY, M. A. K. 1985. *An introduction to Funcional Grammar*. New York: Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. 1976. *Cohesion in English*. London, Longman.
- HARRIS, M. 1988. "Concessive clauses in English and Romance". En *Clause combining in grammar and discourse*, editado por HAIMAN, J. y THOMPSON, S., 71-99, Amsterdam: John Benjamins.
- HEINE, B. 2003. "Grammaticalization". En *The handbook of histotical linguistics*, editado por JOSEF, B. D.; JANDA, R., 575-601. Blackwell Publishing.
- HEINE, B.; CLAUDI, U. e HÜNNEMEYER, B. 1991. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HOPPER, P. e TRAUGOTT, E. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KABATEK, J. 2008. "Introduccion." En ____ (org). *Sintaxis histórica de lespañol y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid: Iberoamericana.
- _____. 2005. "Las tradiciones discursivas del español medieval: historia de textos e historia de la lengua." *Iberoamericana*, 62: 28-43.
- KOCH, I. G. V. 2001. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo.
- KÖNIG, E. 1985. "On the history of concessive connectives in english. Diachronic ans synchronic evidence." *Lingua*, 66: 1-19.

- KORTMANN, B. 1997. *Adverbial Subordination: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin-New York, Mouton de Gruyter.
- LOPES-DAMASIO, L. R. 2011. *Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- MARCUSCHI, L. A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MARTELOTTA, M. 1998. "Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas." *Veredas: revista de Estudos Linguísticos*, 3: 37-56.
- NEVES, M. H. Moura. 1999. "As construções concessivas". En _____. (org.) *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP. Vol. II: Novos estudos, 545-591.
- QUIRK, R. et al. 1985. *A comprehensive Grammar of the English Language*. London-New York: Longman.
- SIMÕES, J. S. e KEWITZ, V. 2006. *Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- SWEETSER, E. 1990. *From etymology to pragmatics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- TRAUGOTT, E. 2003. "Constructions in Grammatization". En *The handbook of historical linguistics*, editado por JOSEPH, B.; JANDA, R. D., páginas, Oxford: Blackwells.
- _____. 1982. "From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization". En *Perspectives on historical linguistics*, editado por LEHMAN, W.; MALKIEL, Y., 245-271, Amsterdam, John Benjamins.
- TRAUGOTT, E. e KÖNIG, E. 1991. "The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited". En *Approaches to grammaticalization*, editado por TRAUGOTT, E. y HEINE, B., páginas, Vol. 1. John Benjamins Publishing Company.